



# abralic

experiências literárias textualidades contemporâneas

## DO TEXTO AO PARATEXTO, DO AUTOR AO EDITOR: UMA LEITURA DE *ALABARDAS*, DE JOSÉ SARAMAGO<sup>1</sup>

Bianca Rosina Mattia (UFSC)

Stélio Furlan (UFSC)

**RESUMO:** A publicação de um romance inacabado e póstumo faz entrar em cena com maior destaque o editor e, dessa forma, os paratextos editoriais, os quais veiculam e materializam o texto em livro. Em 2014, publicou-se no Brasil e em Portugal o romance inacabado *Alabardas*, *alabardas*, *Espingardas*, *espingardas*, de José Saramago. Publicada postumamente, a edição conta apenas com três capítulos, mas não se restringe às linhas do romance. Há, ainda, ilustrações de Günter Grass, um recorte do diário de Saramago referente ao romance e ensaios de outros autores. A peculiaridade da edição, especificamente pelos paratextos editoriais, aqui analisados sob a luz dos estudos de Gérard Genette (2009), reporta para questões relevantes na temática das textualidades contemporâneas. Nesse sentido, propõe-se refletir em que medida o editor, na edição de um romance inacabado e póstumo, por meio dos paratextos editoriais, pode ser percebido como mediador e indicador de uma possibilidade de leitura. A investigação acerca da relação entre autor e editor volta os olhos, sobretudo em como o/a leitor/a tornará novo, pelo exercício da leitura, o texto, que materializado em livro, viabiliza novas leituras.

**Palavras-chave:** *Alabardas*, de José Saramago. Editor. Leitura. Paratextos editoriais. Romance inacabado.

“Escrever é fazer recuar a morte, é dilatar o espaço da vida” (SARAMAGO apud DACOSTA, 2010 [1983], p. 193). Assim foi que disse, certa vez, José Saramago, mas não só. Costumava dizer também que escrevia para desassossegar os seus leitores. Afastando-se da morte, buscou nos deixar mais algumas inquietações. Quando faleceu, em junho de 2010, estava a escrever um romance, fruto de uma já antiga preocupação sua, como relata em seu diário no dia 15 de agosto de 2009:

Afinal, talvez ainda vá escrever outro livro. Uma velha preocupação minha (porquê nunca houve uma greve numa fábrica de armamento) deu pé a uma ideia complementar que, precisamente, permitirá o tratamento ficcional do tema. Não o esperava, mas aconteceu, aqui

---

<sup>1</sup> Algumas discussões aqui propostas foram retomadas em: MATTIA, Bianca Rosina. Os paratextos editoriais em “*Alabardas*, *Alabardas*, *Espingardas*, *Espingardas*”, o romance inacabado de José Saramago. In: *Anuário de Literatura*, 2016 [no prelo].

sentado, dando voltas à cabeça ou dando-me ela voltas a mim. [...].  
(SARAMAGO, 2014 [2009], p. 59).

Em seu computador, foram encontrados três capítulos de *Alabardas, alabardas, Espingardas, espingardas*, verso extraído da tragicomédia *Exortação da Guerra*, de Gil Vicente do ano de 1513, e escolhido por Saramago<sup>2</sup> para ser o título do seu último romance, que restou inacabado, vindo a ser publicado em 2014, quatro anos após a sua morte, pela Porto Editora, em Portugal e pela Companhia das Letras, no Brasil.

A edição do livro apresenta-se de maneira peculiar ao público leitor. Além das pouco mais de cinquenta páginas do romance inacabado, é possível ler as anotações do diário de José Saramago referentes ao romance que escrevia – um recorte que vai de agosto de 2009 a fevereiro de 2010 –. As páginas do livro contam, ainda, com ilustrações do escritor alemão Günter Grass<sup>3</sup> – Nobel de Literatura em 1999 –. Na parte final, estão os textos de Fernando Gómez Aguilera<sup>4</sup> e Roberto Saviano<sup>5</sup>. Desde 2014, *Alabardas* já foi publicado em dez países, totalizando onze edições, uma vez que a editora italiana Feltrinelli lançou este ano também a edição de bolso do romance. Todas as onze edições apresentam o mesmo conteúdo, desde a capa, – à exceção da edição italiana de bolso que propõe outra ilustração –. Na edição brasileira há o acréscimo do texto de Luiz Eduardo Soares<sup>6</sup>. Também a edição servia e a edição romena<sup>7</sup> trazem cada uma um texto a mais no final do livro.

A singularidade da edição do romance inacabado de José Saramago e que desperta para algumas reflexões que aqui apresento brevemente, tem por base o estudo

---

<sup>2</sup> A anotação consta em seu diário e foi registrada no dia 02 de fevereiro de 2010: “Outra mudança, finalmente a boa: *Alabardas, alabardas, espingardas, espingardas*. Será o título.” (SARAMAGO, 2014 [2010], p. 61, grifo no original).

<sup>3</sup> Günter Wilhelm Grass, escritor, dramaturgo, poeta, intelectual, e artista plástico apresenta em sua produção artística um viés contestatório dos ideais nazistas. Grass expunha sua obra plástica no Algarve, em Portugal e tinha uma relação estreita com José Saramago.

<sup>4</sup> Por Fernando Gómez Aguilera, *Um livro inconcluso, uma vontade consistente*. O escritor espanhol Fernando Gómez Aguilera é autor da cronobiografia “José Saramago: A consistência dos sonhos”, publicada em 2008, pela Editorial Caminho (Portugal) e responsável pela organização e seleção de “As palavras de Saramago: catálogo de reflexões pessoais. Literárias e políticas”, publicado em 2010, pela Companhia das Letras, aqui no Brasil.

<sup>5</sup> Por Roberto Saviano, *Eu também conheci Artur Paz Samedo*. Roberto Saviano, jornalista e escritor italiano, é autor, dentre outros livros, de “Gomorra” (2006), livro que documenta a atuação das máfias italianas e sua relação com as instituições do país.

<sup>6</sup> Por Luiz Eduardo Soares, *A violência segundo Saramago*. <sup>6</sup>Luiz Eduardo Soares, antropólogo, cientista político e escritor brasileiro. Foi Secretário de Segurança Pública no Rio de Janeiro, durante o governo de Anthony Garotinho e ocupou a Secretaria Nacional de Segurança Pública no governo do então Presidente da República Luiz Inácio Lula da Silva, tendo sido afastado dos dois cargos por pressões políticas. Foi coautor de “Elite da Tropa” e “Elite da Tropa 2”, livros que relatam a atuação da polícia militar e a violência social.

<sup>7</sup> Na edição servia há um texto do também ilustrador Günter Grass e, na edição romena, um texto de Filip Florian.

dos paratextos editoriais, analisados sob a luz dos estudos de Gérard Genette (2009). Isso porque, é a partir da concepção de paratexto, elucidada por Genette, que se pode pensar sobre a presença e trabalho do editor na concretização do livro, *objeto-livro* (CHARTIER, 1996), o qual torna o texto presente, e em como isso repercute no universo do leitor, especialmente no que se refere à produção de sentidos quando da leitura do texto.

Para Genette, “paratexto é aquilo por meio de que um texto se torna livro e se propõe como tal a seus leitores, e de maneira mais geral ao público.” (2009, p. 9). Nesse sentido, para Genette (2009), mais do que apresentar o texto, os paratextos tornam o texto presente, de maneira a assegurar sua presença no mundo sob a forma de livro. Ao contrário do texto que é imutável e que, por si só, não dá conta de se adequar às alterações do seu público, no espaço e no tempo, os paratextos possuem as características da flexibilidade, versatilidade e transitoriedade. (GENETTE, 2009). Por tal razão é que são, como afirma Genette (2009), instrumentos de adaptação: “daí as modificações constantes da ‘apresentação’ do texto (isto é, de seu modo de presença no mundo), em vida do autor por seus próprios cuidados, depois ao encargo, bem ou mal assumido, de seus editores póstumos. (GENETTE, 2009, p. 358).

Em uma edição póstuma, como é o caso de *Alabardas*, bem como por se tratar de um romance inacabado, o trabalho editorial de escolha dos paratextos e composição do livro ganha destaque. O editor assume sua identidade frente à edição e publicação de um livro que torna presente um texto póstumo e inacabado. As escolhas editoriais, ou seja, os paratextos, mais do que veicularem o romance inacabado de José Saramago ao público leitor, uma vez que o materializam em livro e o tornam acessíveis à leitura, justamente por serem escolhas, são dotadas de objetivos diferenciados, os quais podem envolver questões de comércio editorial – em vias, talvez, de uma nova moda literária que fará publicar os inacabados independente dos volumes de Obras Completas –, ou até a diferentes produções de sentidos quando de sua leitura.

Dessa forma é que se torna possível pensar no editor não como um “suplemento de autoria”, tal como elucidou Fernando Cabral Martins (2000) acerca das edições do *Livro do Desassossego*, onde a fronteira que separa o autor do editor é quase imperceptível, mas como um adaptador, conforme um dos conceitos de adaptação apresentado por Linda Hutcheon (2013), qual seja: o de adaptação como “um ato criativo e interpretativo de apropriação/recuperação” (HUTCHEON, 2013, p. 30).

A adaptação, nesse sentido, vista como “um processo de criação, [...] envolve tanto uma (re-)interpretação quanto uma (re-)criação; dependendo da perspectiva, isso pode ser chamado de apropriação ou recuperação.” (HUTCHEON, 2013, p. 29). A criação do livro *Alabardas* pelo processo editorial pode ser entendida, nesse contexto, como uma apropriação editorial que reinterpreta o texto inacabado com vistas à publicação. A escolha dos paratextos por parte do editor o torna um intérprete do texto e, ao mesmo tempo, um (re)criador, na medida em que é a partir do texto que cria o livro. E é dessa forma que o editor pode sugerir ao leitor uma nova possibilidade de leitura do texto. Porém, tal intento editorial não será absoluto, visto que a liberdade do leitor é ainda maior. Como observa Roger Chartier,

apreendido pela leitura, o texto não tem de modo algum – ou ao menos totalmente – o sentido que lhe atribui seu autor, seu editor ou seus comentadores. Toda história da leitura supõe, em seu princípio, esta liberdade do leitor que desloca e subverte aquilo que o livro lhe pretende impor. (1999, p. 77).

No caso de *Alabardas*, a escolha dos paratextos editoriais que compõem a edição, tais como a capa, as ilustrações, a publicação em conjunto do diário de José Saramago e os textos apresentados após o romance, além disso, os próprios autores escolhidos para “compartilhar do espaço livro” (SOARES, 2014), e o mote de suas produções literárias, sugerem um trabalho editorial de criação de um livro que primou por apresentar uma temática central, qual seja, a da violência, da guerra e da fabricação e comércio de armas. Nesse sentido é que se revela o editor enquanto adaptador, porque se apropriou do texto – qual seja, o romance inacabado de José Saramago – e o tornou presente ao leitor pelo trabalho de (re)criação do livro.

Por outro lado, a apropriação do texto pelo leitor, como afirma Chartier (1996), pode ser diferente para o mesmo texto e tal variação ocorre, não só historicamente, mas em razão dos projetos editoriais que objetivam usos ou leituras diferentes. Por certo que, como prossegue o autor, cada leitor possui referências que lhe são próprias, individuais, ou mesmo sociais, históricas ou existenciais que possibilitam dar sentidos singulares e partilhados aos textos dos quais se apropria. Porém, Chartier ressalta que

os textos não existem fora dos suportes materiais (sejam eles quais forem) de que são os veículos. Contra a abstração dos textos, é preciso lembrar que as formas que permitem sua leitura, sua audição ou sua visão participam profundamente da construção de seus significados. (2002, p. 61-62).

Pensar no livro é pensar, sobretudo nos paratextos editoriais, em que pese estes estejam sempre, como afirma Genette, “subordinado[s] a ‘seu’ texto, e essa funcionalidade determina o essencial de sua conduta e de sua existência” (2009, p. 17, grifo do autor), Nesse sentido, importa ressaltar que o paratexto também é produtor de sentido. A “*força ilocutória*” da mensagem paratextual, da qual fala Genette (2009, p. 16-17, grifo do autor) não é apenas mais uma informação presente no livro, mas evidencia intenções, interpretações e direcionamentos de sentidos da leitura do texto.

Por tal razão é que se pode também pensar em um novo conceito de autor tal como aponta Chartier (2014) no sentido de que para a questão da autoria deve-se introduzir a dimensão da materialidade dos textos. Citando Donald Mckenzie, Chartier afirma que “novos leitores tornam novos os textos e que o novo sentido que lhes é dado é devido à sua nova forma.” (2014, p. 63). E finaliza parafraseando Mckenzie: “talvez uma nova forma do livro produz novos autores, ou seja, que a construção do autor é função não apenas do discurso, mas também de uma materialidade [...] que na minha perspectiva de análise são indissociáveis.” (CHARTIER, 2014, p. 64).

Em que pese as reflexões de Chartier direcionem-se mais especificamente para a produção e circulação de livros digitais, cabe pensar que a materialidade dos livros impressos abrange a escolha editorial de paratextos, os quais não deixam de também dar forma ao texto e, nesse sentido, produzir novos autores, uma vez que na mesma perspectiva exposta por Chartier, não há dissociação do texto com a sua materialidade. O editor, no processo editorial, também constrói o autor para o leitor.

Para finalizar, penso que o estudo dos paratextos editoriais do romance inacabado e póstumo de José Saramago – tais como as ilustrações, o diário e os textos finais presentes na edição – mostra que há possibilidades de leitura de um romance inacabado, materializado em livro, em razão especificamente do trabalho editorial. A proposta de Genette (2009), que norteou a reflexão aqui apresentada, evidencia que o paratexto não se configura somente como um elemento que acompanha o texto ou mesmo como suporte para tornar o texto livro. O paratexto está integrado ao texto, agregando-lhe conteúdo e lhe conferindo produção de sentido.

Pensar na atuação editorial enquanto adaptação, no rumo da proposta de Hutcheon (2013), ou seja, de uma (re)interpretação ou (re)criação, o que leva à apropriação ou recuperação – neste caso do texto em seus três capítulos – possibilita voltar o olhar para a maneira como o editor interpretou e criou um livro com o romance inacabado de um autor. Nesse sentido é que o estudo dos paratextos, sobretudo pelo seu

caráter polissêmico e heterogêneo, desponta para novas produções de sentidos quando da apropriação do texto pelo leitor.

A edição e publicação do último romance que José Saramago esteve a escrever antes de falecer, para além do desassossego que nos deixou com a temática proposta, possibilitam novas discussões no âmbito literário, uma delas, objeto de minha pesquisa de mestrado, em andamento, e da qual esta comunicação é fruto, diz respeito a como o inacabado, especialmente em como as peculiaridades de uma edição e sua respectiva publicação podem (re)significar a produção literária de um autor. *Alabardas, alabardas, Espingardas, espingardas*, como afirmou Pilar del Río “não é um testamento, é o livro com o qual José Saramago queria fechar o seu percurso, e fê-lo.” (2014, p. 4, grifos da autora), mesmo que sem ponto final.

## Referências

CHARTIER, Roger (Dir.). *Práticas da Leitura*. Tradução de Cristiane Nascimento. Introdução de Alcir Pécora. São Paulo: Estação Liberdade, 1996.

CHARTIER, Roger. *A aventura do livro: do leitor ao navegador*. Tradução de Reginaldo de Moraes. São Paulo: Editora da UNESP/Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 1999. (Prismas).

CHARTIER, Roger. *Os desafios da escrita*. Tradução de Fulvia M. L. Moretto. São Paulo: Editora UNESP, 2002.

CHARTIER, Roger. *O que é um autor? Revisão de uma genealogia*. Tradução de Luzmara Curcino e Carlos Eduardo Bezerra. São Carlos: EdUFSCar, 2014.

DACOSTA, Fernando. José Saramago: “Escrever é fazer recuar a morte, é dilatar o espaço da vida”. *Jornal de Letras, Artes e Ideias*, n. 50, 18 jan. 1983, p. 16- 17. In: \_\_\_\_\_. *As palavras de Saramago: catálogo de reflexões pessoais, literárias e políticas*. Organização e seleção de Fernando Gómez Aguilera. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

GENETTE, Gérard. *Paratextos editoriais*. Tradução de Álvaro Faleiros. Cotia, São Paulo: Ateliê Editorial, 2009 (Artes do livro: 7).

HUTCHEON, Linda. *Uma teoria da adaptação*. Tradução de André Cechinel. 2.ed. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2013.

MARTINS, Fernando Cabral. Editar Bernardo Soares. In: *Revista Colóquio/Letras*, n.º 155/156, Jan. 2000, p. 220-225. Disponível em: <<http://coloquio.gulbenkian.pt/bib/sirius.exe/do?bibrecord&id=PT.FCG.RCL.7838&org=I&orgp=155>>. Acesso em: 06 ago. 2016.

RÍO, Pilar del. Nós somos o outro do outro. In: *Blimunda*, número 28. Lisboa: Fundação José Saramago, setembro de 2014. Disponível em: <[http://www.josesaramago.org/wp-content/uploads/2014/09/blimunda\\_28\\_setembro\\_2014\\_1.pdf](http://www.josesaramago.org/wp-content/uploads/2014/09/blimunda_28_setembro_2014_1.pdf)>. Acesso em: 09 ago. 2016.

SARAMAGO, José. *Alabardas, alabardas, espingardas, espingardas*: com textos de Fernando Gómez Aguilera, Luiz Eduardo Soares, Roberto Saviano. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

SOARES, Luiz Eduardo. O último grito de José Saramago: entrevista de Ricardo Videll. In: *Blimunda*, número 28. Lisboa: Fundação José Saramago, setembro de 2014. Disponível em: <[http://www.josesaramago.org/wpcontent/uploads/2014/09/blimunda\\_28\\_setembro\\_2014\\_1.pdf](http://www.josesaramago.org/wpcontent/uploads/2014/09/blimunda_28_setembro_2014_1.pdf)>. Acesso em: 19 jul. 2016.